



# SABERES DA COMUNIDADE JORNALÍSTICA: APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE AS NOÇÕES DE PARADIGMA JORNALÍSTICO E HABITUS

KNOWLEDGE OF THE JOURNALISTIC COMMUNITY: SIMILARITIES  
AND DIFFERENCES BETWEEN THE NOTIONS OF JOURNALISTIC PARADIGM  
AND HABITUS

CONOCIMIENTO DE LA COMUNIDAD PERIODÍSTICA: SEMEJANZAS Y  
DIFERENCIAS ENTRE LAS NOCIONES DE PARADIGMA PERIODÍSTICO Y HABITUS

Camila Maurer<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo propõe-se a sistematizar aproximações e distanciamentos entre as noções de *habitus*, proveniente do instrumental metodológico do estruturalismo construtivista de Bourdieu (2004a, 2007), e paradigma jornalístico, construída por Charron e Bonville (2016) apropriando-se da noção de paradigma originária da teoria das revoluções científicas de Thomas Kuhn (2011). Ambas as concepções fazem referência a saberes compartilhados por um grupo social, adquiridos a partir da experiência social concreta e internalizados pelos indivíduos. Considerando suas semelhanças e distinções, reflete-se sobre as potencialidades metodológicas de cada uma dessas concepções para a pesquisa em jornalismo.

**Palavras-chave:** jornalismo; paradigma jornalístico; *habitus*; campo jornalístico.

**Abstract:** This article aims to systematize the similarities and differences between the notions of *habitus*, derived from the methodological framework of Bourdieu's constructivist structuralism (2004a, 2007), and the journalistic paradigm, constructed by Charron and Bonville (2016), appropriating the notion of paradigm originating from Thomas Kuhn's theory of scientific revolutions (2011). Both conceptions refer to knowledge shared by a social group, acquired from concrete social experience and internalized by individuals. Considering their similarities and distinctions, we reflect on the methodological potential of each of these conceptions for journalism research.

**Keywords:** journalism; journalistic paradigm; *habitus*; journalistic field.

**Resumen:** Este artículo se propone sistematizar aproximaciones y distancias entre las nociones de *habitus*, provenientes de los instrumentos metodológicos del estructuralismo constructivista de Bourdieu (2004a, 2007), y el paradigma periodístico, construido por Charron y Bonville (2016) apropiándose de la noción de paradigma proveniente de la teoría de las revoluciones científicas de Thomas Kuhn (2011). Ambos conceptos se refieren al conocimiento compartido por un grupo social, adquirido a partir de la experiencia social concreta e internalizado por los individuos. Considerando sus similitudes y distinciones, reflexionamos sobre el potencial metodológico de cada una de estas concepciones para la investigación en periodismo.

**Palabras clave:** periodismo; paradigma periodístico; hábito; campo periodístico.

<sup>1</sup> Mestra em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade do Vale do Itajaí (Univali). maurercamila7@gmail.com

## INTRODUÇÃO

A prática jornalística guia-se por um conjunto de saberes compartilhados, um conhecimento tácito que não apenas orienta o exercício profissional, mas define o próprio pertencimento à comunidade jornalística. Considerando que o produto dessa prática constitui, em si mesmo, uma forma social de conhecimento (Genro Filho, 1989), julga-se importante aprofundar a compreensão do saber compartilhado que guia a prática, tendo em vista que é fundamentado nele que os jornalistas organizam e apresentam a realidade a partir da singularidade dos fenômenos sociais.

As noções de *habitus* e paradigma jornalístico referem-se, em linhas gerais, a saberes compartilhados por um grupo social, em um tempo e espaço determinados, adquiridos através da prática e voltados para o exercício desta. Ambas aludem a matrizes geradoras de ação que são internalizadas pelos indivíduos a partir de estruturas sociais. Nesse sentido, o presente artigo objetiva sistematizar aproximações e distanciamentos entre os dois conceitos, bem como refletir sobre suas potencialidades metodológicas para a investigação dos saberes práticos compartilhados entre os jornalistas.

O artigo divide-se em três momentos: no primeiro, expõem-se as características centrais da noção de *habitus*, proveniente do instrumental metodológico do construtivismo estruturalista de Bourdieu (2004a, 2004b, 2007); o segundo movimento concentra-se em explorar o conceito de paradigma jornalístico, construído por Charron e Bonville (2016) apropriando-se da noção de paradigma proveniente da teoria das revoluções científicas de Thomas Kuhn (2011). Em um terceiro momento, busca-se sistematizar aproximações e distanciamentos entre as noções explicitadas e refletir sobre suas potencialidades metodológicas para a pesquisa em jornalismo.

## HABITUS: JOGO SOCIAL INCORPORADO

A gênese da noção de *habitus*, recuperada por Wacquant (2007), remete à ideia aristotélica de *hexis*, um estado adquirido e estabelecido de caráter moral que orienta a conduta. No século XIII, foi retomado e traduzido por Tomás de Aquino como *habitus* e passou a designar uma capacidade de crescimento através da atividade, bem como uma disposição durável entre potência e ação propositada. A noção foi aplicada de forma descriptiva por sociólogos clássicos como Émile Durkheim, Marcel Mauss, Max Weber e Thorstein Vablen. Na fenomenologia, foi apropriada por Edmund Husserl, que comprendia o *habitus* enquanto “conduta mental entre experiências passadas e ações vindouras” (Wacquant, 2007, p. 65).

Bourdieu renova e reconstrói o sentido de *habitus* enquanto jogo social incorporado pelo sujeito, de modo a superar a dicotomia entre as perspectivas objetivistas e subjetivistas na compreensão dos fenômenos sociais (Bourdieu, 2004a). O autor se inscreve no contexto de um estruturalismo construtivista (Bourdieu, 2004a), o que denota seu rompimento com cada um desses paradigmas individualmente. Assim, reconhece a existência de estruturas objetivas capazes de orientar ou coagir as práticas e representações no próprio mundo social (não apenas nos sistemas simbólicos, como a linguagem, por exemplo). Ao mesmo tempo, admite que os sistemas de percepção, pensamento e ação (constitutivos do *habitus*) possuem uma gênese social, associada às estruturas sociais (campos, grupos e classes).

A noção de *habitus* foi empregada pelo autor inicialmente em seus estudos de campo acerca da sociedade argelina<sup>2</sup> e de sua aldeia natal, Béarn, no sudoeste da França, em que observou como os indivíduos incorporam, legitimam e reproduzem a estrutura social. Associada às concepções de campo e capital, compõe a tríade sobre a qual se sustenta sua sociologia dos campos. Nesse contexto, o *habitus* constitui um “sistema das disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes” (Bourdieu, 2007, p. 191).

A noção de *habitus* refere-se, portanto, a uma competência prática adquirida na ação e para ela voltada. Não se trata, portanto, de aptidão natural, mas de competência adquirida socialmente, através da experiência, variável em função do tempo, lugar e distribuição de poder, à qual o autor habitualmente se referia pelo termo “sentido do jogo”: “o que permite gerar uma infinidade de ‘lances’ adaptados à infinidade de situações possíveis, que nenhuma regra, por mais complexa que seja, pode prever” (Bourdieu, 2004a, p. 21). Tais competências têm origem em necessidades objetivas e produzem estratégias que não são produto de uma aspiração consciente de fins explícitos, nem de uma determinação mecânica de causas. Mesmo assim, mostram-se ajustadas às situações de forma objetiva.

A ação comandada pelo “sentido do jogo” tem toda a aparência de ação racional que representaria um observador imparcial, dotado de toda informação útil e capaz de controlá-la racionalmente. E, no entanto, ela não tem a razão como princípio. [...]. As condições para o cálculo racional praticamente nunca são dadas na prática: o tempo é contado, a informação é limitada, etc. E, no entanto, os agentes fazem, com muito mais frequência do que se agissem ao acaso, a ‘única coisa a fazer’. Isso porque, abandonando-se às instituições de um ‘senso prático’ que é produto da exposição continuada a condições semelhantes àquelas em que estão colocados, eles antecipam a necessidade imanente ao fluxo do mundo (Bourdieu, 2004a, p. 23).

O *habitus*, enquanto sistema de disposições para a prática, mostra-se durável, mas não estático, tendo em vista que pode mudar em decorrência da ação de forças internas e externas ao campo. É, ao mesmo tempo, estruturado (moldado por estruturas sociais objetivas anteriores a ele) e estruturante (molda ações, percepções e apreciações no presente). Encontra-se profundamente relacionado com a noção de campo, que se refere a um microcosmo, um espaço relativamente autônomo, dotado de leis próprias, que não escapa às imposições do macrocosmo, mas mantém uma autonomia parcial em relação a este (Bourdieu, 2004b).

Bourdieu (2005) reconhece que o campo jornalístico opera a partir de lógicas próprias, de modo que a compreensão do que ocorre no seu interior não pode ser diretamente atrelada a fatores unicamente externos, provenientes dos campos político e econômico, por exemplo, ainda que o jornalismo mantenha com esses campos uma relação de “dupla dependência” (Champagne, 2005). Nesse sentido, questões sobre a autonomia do campo jornalístico são frequentemente levantadas, tendo em vista que as especificidades do jornalismo o colocam na interface entre múltiplos campos sociais. Sobre esse aspecto, Schudson (2005) sugere acrescentar a essa reflexão um novo questionamento: quão autônomo o jornalismo

<sup>2</sup> Em 1955, Pierre Bourdieu foi recrutado para o serviço militar obrigatório na Argélia, então colônia francesa, em meio a um período de conflitos e rupturas socioeconômicas. Posicionava-se criticamente acerca do domínio francês sobre a população argelina. Esteve na Argélia por dois períodos, de 1955 a 1957, como soldado, e de 1957 a 1961, como professor universitário, o que o permitiu estudar profundamente as condições sociais diversas da Argélia, a partir de uma variedade de métodos de pesquisa (Peters, 2017).

deve ser? Na perspectiva do autor, “o jornalismo não deve ser um conjunto de pensadores e exploradores individuais em busca da verdade, mas um conjunto de comunicadores ativos e pensantes que tentam manter uma sociedade em sintonia com ela mesma” (Schudson, 2005, p. 220, tradução nossa). Assim, defende que o jornalismo deve ser, em certa medida difícil de precisar, dependente do mercado, que, de alguma forma, representa o público, e do Estado, pelo bem da democracia. Nesse sentido, sustenta que a ausência dessas pressões externas pode levar o jornalismo a comunicar-se apenas consigo mesmo, negligenciando sua função para com a sociedade. Schudson (2005) lembra, ainda, que o jornalismo é permeável às demandas dos campos político e econômico, mas resistente à influência de outros grupos, e que sua maior dependência não se dá em relação ao mercado ou ao Estado, mas em relação aos eventos imprevisíveis que constituem elementos vitais da prática jornalística.

Nesse cenário, os saberes, valores e categorias perceptivas compartilhadas pelos jornalistas constituem o *habitus* profissional, internalizado a partir de estruturas sociais, que guia a prática jornalística. É a partir desse jogo social incorporado que o jornalismo se relaciona com outros campos e responde aos eventos imprevisíveis. Uma das expressões mais evidentes da exteriorização desse saber compartilhado materializa-se na percepção dos jornalistas sobre valor noticioso dos fatos do mundo, em um processo que parece autoevidente e intuitivo para os agentes do campo jornalístico.

## PARADIGMA JORNALÍSTICO

O conceito de paradigma tem origem na produção intelectual do historiador e filósofo Thomas Kuhn (2011), cuja obra caracteriza-se pela preocupação em investigar a ciência a partir de seus aspectos históricos, sustentando-se sobre a compreensão de que são as comunidades científicas – e não os cientistas, individualmente – os verdadeiros sujeitos da ciência (Cupani, 2009). Com isso, contesta a ideia de que a ciência se desenvolve por mero acúmulo de conhecimento, de forma linear e contínua. A concepção proposta por ele se baseia no conceito de paradigma, que corresponde a um conjunto de consensos compartilhados por uma comunidade científica em uma determinada época, um “conjunto de ilustrações recorrentes e quase padronizadas de diferentes teorias e suas aplicações conceituais, instrumentais e na observação” (Kuhn, 2011, p. 67). Assim, na perspectiva do autor, a ciência se desenvolveria através da adoção e do abandono de paradigmas.

Os pesquisadores canadenses Jean Charron e Jean de Bonville (2016) apropriam-se do conceito de paradigma como instrumento para a compreensão das transformações da prática jornalística ao longo do tempo, partindo do pressuposto de que tanto o jornalismo quanto a ciência guiam suas práticas profissionais por um conjunto de convenções compartilhadas, ainda que suas produções discursivas sejam essencialmente diferentes. Assim, os jornalistas formam, “como os cientistas, uma comunidade de observadores que compartilham uma mesma definição da realidade dispõem de técnicas comuns para descrevê-la” (Charron; Bonville, 2016).

A pesquisa conduzida pelos autores utilizou o método weberiano do tipo ideal para realizar uma comparação sócio-histórica através da qual foram identificados períodos de estabilidade e de mutação na prática jornalística. Essa comparação permitiu a distinção de quatro períodos da história do jornalismo, cada um deles caracterizado por um modo específico de entender e praticar o jornalismo, que os autores definem como paradigmas jornalísticos.

A noção de que a prática jornalística se sustenta sobre um conjunto de convenções dialoga com a perspectiva construtivista, que enxerga nas rotinas produtivas um elemento definidor da atividade e da produção discursiva dos jornalistas. Assim, o aprendizado da prática jornalística dá-se por imitação, de modo semelhante ao aprendizado da prática científica, conforme assinalado por Kuhn (2011). Na definição dos autores, o paradigma jornalístico consiste em

Um sistema normativo criado por uma prática fundamentada no exemplo e na imitação, constituído de postulados, de esquemas de interpretação, de valores e de modelos exemplares com as quais se identificam e se referem os membros de uma comunidade jornalística em um dado espaço-temporal, que unem os integrantes à comunidade e servem para legitimar a prática (Charron; Bonville, 2016, p. 68).

O caráter normativo e sistêmico é elemento central para a compreensão do conceito. Os autores apoiam-se sobre a teoria da estruturação, em Giddens (2003), para sustentar que as regras às quais o conceito faz referência são, para além dos preceitos deontológicos, normas informais, tácitas e levemente sancionadas, que orientam “em profundidade a prática dos atores sociais, de modo difuso, mas generalizado” (Charron; Bonville, 2016, p. 69). A ênfase em sua característica sistêmica denota que o conceito trata de uma grande extensão no espaço e no tempo e que é adotado por uma proporção significativa de uma comunidade (neste caso, a comunidade jornalística). A ideia de sistema refere-se, ainda, ao seu caráter organizado e organizador, de modo que as regras que integram esse sistema são tão compatíveis entre si que parecem naturais aos usuários.

O caráter sistêmico das regras jornalísticas se explica pelo caráter contingente do código jornalístico; este deve ser adaptado às propriedades do *sistema* social, de um lado, e do *sistema* (sócio) linguístico, de outro. Ele exprime um código social a partir do código linguístico disponível na sociedade: no plano discursivo, sua função específica é adaptar um ao outro (Charron; Bonville, 2016, p. 70).

Outra característica central é o fato de que as regras que compõem esse sistema são decodificadas a partir da prática profissional e não estão descritas de forma explícita e integral em lugar algum. Desse modo, a iniciação à prática jornalística e a inserção do jornalista em sua comunidade profissional baseia-se, sobretudo, na imitação de colegas experientes. Assim, competências fundamentais para a prática, tais como acuidade visual, tomada de decisões, rapidez de execução e domínio dos procedimentos estilísticos, só podem ser apreendidas a partir da prática (Charron; Bonville, 2016).

O conceito de paradigma jornalístico, conforme sistematizado pelos autores, compreende uma vertente teórica (observada do ponto de vista do pesquisador) e uma vertente empírica (observada do ponto de vista do jornalista). O aspecto teórico compreende o saber comum aos jornalistas e um conjunto de regras de produção discursiva. O saber comum refere-se a um sistema tipológico de referentes, uma estrutura que organiza as informações relativas aos referentes típicos dos jornalistas (atores sociais, indivíduos, instituições, etc.). Esse saber compreende, ainda, crenças e valores, tais como as noções de democracia e liberdade de expressão, profundamente relacionadas ao contexto cultural de seu tempo. As regras de produção discursiva dizem respeito às normas de redação e edição que compreendem uma série de prescrições implícitas.

A vertente empírica do paradigma jornalístico é o modo como ele se materializa, de forma concreta, na prática jornalística. Tal vertente compreende duas dimensões: uma dimensão cognitiva (que diz respeito ao conjunto de esquemas cognitivos, roteiros e métodos interpretativos que se adquire a partir da prática) e uma dimensão discursiva (que se materializa no ato de observar e imitar os pares). Assim, em resumo,

A noção de paradigma (no sentido de Kuhn, mas também no sentido dado pelos linguistas) sugere a ideia de um sistema normativo de referência, de um conjunto de modelos práticos reproduzíveis por imitação. O paradigma é constituído pelo código de produção discursiva incorporado pelos jornalistas e pelo repertório de esquemas cognitivos adquiridos pela experiência e que condicionam a ‘leitura’ e a interpretação do real (Charron; Bonville, 2016, p. 46).

As considerações dos autores em torno da ideia de paradigma jornalístico nos permitem reconhecer a existência de consensos que guiam a prática em múltiplas dimensões e se materializam na produção discursiva da comunidade jornalística de uma determinada época e lugar, de modo que podem ser recuperados em uma perspectiva histórica. Ainda que os autores reconheçam a influência de fatores extradiscursivos sobre os códigos e esquemas apropriados pelos jornalistas, confere-se maior relevância ao modo como tais influências transbordam do texto jornalístico e das dimensões ostensivas do jornal, considerando que a especificidade do jornalismo se encontra em sua produção discursiva.

## **APROXIMAÇÕES E DISTANCIAMENTOS ENTRE AS NOÇÕES DE HABITUS E PARADIGMA JORNALÍSTICO**

A exposição das características centrais de cada um dos conceitos evidencia que ambos aludem a um conjunto de disposições voltadas para a ação, inscritas estruturalmente e internalizadas pelo indivíduo. A construção do conceito de paradigma jornalístico sustenta-se sobre a teoria da estruturação, proveniente da obra de Anthony Giddens (2003) que tem em comum com o quadro teórico Bourdieusiano a busca pela superação da dicotomia objetivismo/subjetivismo nas Ciências Sociais. Há que se considerar, no entanto, que as duas noções possuem gêneses e aplicações distintas.

A empreitada intelectual que deu origem à sociologia dos campos (que tem na noção de *habitus* uma de suas pedras angulares) tem raízes etnográficas, na observação direta de grupos sociais. Assim, como recupera Wacquant (2006), o modo de argumentação sociológica de Bourdieu “se cristalizou através da construção de objetos empíricos concretos” (Wacquant, 2006, p. 16). Desse modo, pode-se refletir sobre suas potencialidades metodológicas para as etnografias das redações, enquanto ferramenta para a compreensão dos saberes, valores e percepções que guiam a produção jornalística, bem como sobre o modo como as estruturas objetivas internas e externas ao campo moldam o *habitus* profissional dos jornalistas. É necessário ressaltar, no entanto, que uma pesquisa que adote o instrumental metodológico proveniente da sociologia dos campos de Bourdieu precisa considerar que as estruturas que moldam e o *habitus* e a exteriorização desse *habitus* no campo estão além dos limites de uma redação específica, sendo necessária, portanto, a consideração do campo jornalístico e suas relações.

Em contraste com os estudos clássicos de redação, Bourdieu não se concentra na organização em particular ao observar os valores das notícias ou a prática jornalística. Em vez disso, o quadro analítico para re-investigar as perguntas tradicionais feitas pelos estudos de redação é o de um campo profissional. Essa mudança de quadro analítico olha para o jornalismo à luz da produção cultural e do poder, e significa que teoricamente podemos assumir que a redação é um espaço social hierárquico, um microcosmo refletindo uma posição no campo jornalístico, bem como uma posição no campo da produção cultural, o campo do poder e no espaço social global (Schultz, 2007, p. 192-193, tradução nossa).

Do mesmo modo, é possível investigar a existência de formas específicas de *habitus* jornalístico no interior do campo, de acordo com a posição ocupada pelo profissional (repórteres e editores, por exemplo), o gênero jornalístico (internacional, investigativo) e mesmo de acordo com a mídia (televisão, jornal, revista) como sugere Schultz (2007, p. 194).

Nesse sentido, pode-se refletir, ainda, sobre a pertinência desse instrumento metodológico na investigação da autonomia relativa do campo, considerando, a partir do instrumental teórico-metodológico composto pela tríade campo – *habitus* – capital, o modo como as posições dos agentes no interior do campo jornalístico e a distribuição de capital geram diferentes níveis de autonomia entre os diferentes agentes, em função de categorias como experiência, gênero e função, por exemplo. O diálogo entre a noção de *habitus* e doxa, descrita por Bourdieu (2005) como “o universo de pressuposições tácitas que aceitamos como nativas de uma dada sociedade” (Bourdieu, 2005, p. 37, tradução nossa) também se mostra pertinente à investigação das rotinas e processos produtivos. A noção de doxa jornalística faz referência a esquemas práticos internalizados pelos jornalistas e aplicados de forma implícita na produção da notícia. A existência de esquemas práticos que guiam os processos de produção jornalística foi verificada por pesquisadores como Tuchman (1978), ao observar que o trabalho jornalístico diário pode ser visto enquanto uma espécie de rotinização do inesperado a partir de uma série de categorias. Na abordagem da autora, tais esquemas práticos são vistos como parte do processo de construção social. Na perspectiva de Bourdieu, esses processos envolvem, também, questões de poder, considerando que a “doxa é um ponto de vista particular, o ponto de vista do dominante, que se apresenta e se impõe como um ponto de vista universal” (Bourdieu, 1998, p. 57).

O paradigma jornalístico de Charron e Bonville (2016), por sua vez, foi construído como parte de um aparato teórico e metodológico para a compreensão das transformações do jornalismo numa perspectiva sócio-histórica. Sobre esse ponto, ressalta-se que o paradigma diz respeito a um modo específico e singular de pensar e praticar o jornalismo que, no entanto, não representa um quadro descritivo da realidade, mas um modelo de desenvolvimento sócio-histórico, construído a partir do método weberiano do tipo ideal. A investigação conduzida pelos pesquisadores inicia sua periodização a partir do surgimento da imprensa, no século XVII, antes, portanto, da existência de uma prática profissional distinta como hoje conhecemos e da conformação de um campo social específico, nos termos de Bourdieu.

A construção dos paradigmas e a identificação das mudanças paradigmáticas foi realizada a partir dos elementos que se mostram visíveis no texto jornalístico e no jornal, isto é, o modo como os saberes, valores, crenças e códigos da comunidade se materializaram na produção discursiva. Por esse motivo, a aplicação do conceito de paradigma jornalístico na pesquisa sócio-histórica conduzida pelos

autores tem, na dimensão discursiva, um de seus elementos centrais, a partir de uma forte influência do pensamento linguístico de Jakobson acerca das funções da linguagem. Assim, os paradigmas característicos de cada um dos períodos identificados pelos pesquisadores são nomeados a partir de atributos do discurso em diálogo com as funções da linguagem predominantes em cada momento histórico: transmissão, opinião, informação e comunicação. A elaboração do modelo de mudança do jornalismo a partir da noção de paradigma hierarquiza 14 parâmetros, do texto jornalístico à economia, em que se pode perceber a relação de estruturas objetivas do mundo social com as alterações da produção discursiva do jornalismo.

Certamente, as diferentes formas de jornalismo variam em função de fenômenos ou de processos extradiscursivos como a economia, a política ou a inovação técnica. [...]. Entretanto, um paradigma jornalístico, na medida em que remete a uma prática discursiva, não se define a partir de critérios econômicos ou políticos, como a busca por lucro ou a liberdade de imprensa, mas a partir de considerações propriamente discursivas. Assim, não é a predominância das considerações comerciais que caracteriza o jornalismo do século XX, mas a maneira como essas considerações influem no discurso jornalístico (Charron, Bonville, 2016, p. 33).

Assim, os autores reconhecem que o paradigma constitui um conjunto de regras passíveis de transformação, à medida em que os jornalistas adaptam a prática a partir de condições concretas. Sobre esse ponto, é válido lembrar que o *habitus*, ainda que se refira a um conjunto de disposições duráveis, também não é imutável, podendo sofrer alterações pela ação de forças internas e externas ao campo, assim como o paradigma jornalístico. Considerando essa característica, podemos refletir, estabelecendo diálogo entre as duas noções, que as mudanças paradigmáticas, isto é, as mudanças no modo de pensar e fazer jornalismo, são precedidas por alterações no *habitus* profissional que refrata e retraduz as pressões ou demandas externas sob uma forma específica. Na perspectiva de Bourdieu (2004b, p. 22), essa capacidade constitui uma das manifestações mais visíveis da autonomia de um campo.

A ideia de paradigma jornalístico apresenta potencialidades metodológicas para a pesquisa historiográfica, permitindo alcançar empiricamente contextos que já não podem mais ser observados de forma direta. Nesse sentido, mostram-se pertinentes investigações que busquem aplicar as tipologias históricas propostas por Charron e Bonville (2016) a outros contextos (a imprensa brasileira e seu surgimento tardio, por exemplo) e a outros meios (como a televisão<sup>3</sup>). Do mesmo modo, mostra-se aplicável, ainda, na investigação do modo como os consensos compartilhados pela comunidade jornalística manifestam-se em sua produção discursiva.

No paradigma, compreendido enquanto sistema normativo, a noção de regra é central. As regras constituem prescrições para a ação, além de cumprirem papéis relevantes do ponto de vista cognitivo. No interior do paradigma jornalístico, elas “dão sentido a comportamentos que, de outra forma, pareceriam aleatórios” (Charron; Bonville, 2016, p. 78). Nesse sentido, é possível estabelecer diálogo entre as regras que compõem o paradigma e a objetividade enquanto ritual estratégico que protege os jornalistas de riscos eventuais, conforme descrito por Tuchman (1993).

<sup>3</sup> Os pesquisadores Jean Charron e Jean de Bonville (2005) desenvolveram, a partir do conceito de paradigma jornalístico, um modelo explicativo da evolução do telejornal no Québec, Canadá. A reflexão sobre a aplicabilidade desse modelo à realidade brasileira pode indicar uma problemática de pesquisa relevante, dadas as especificidades históricas e culturais da televisão no Brasil.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo buscou sistematizar aproximações e distanciamentos entre as noções de *habitus* e paradigma jornalístico. As duas concepções teórico-metodológicas referem-se a saberes compartilhados por um grupo social, adquiridos através da prática e voltados para o exercício desta, mas possuem gêneses e aplicações distintas. A busca pela superação da oposição entre perspectivas objetivistas e subjetivistas nas Ciências Sociais encontra-se na raiz das duas concepções, de modo que se mostram pertinentes para o estudo da prática jornalística de forma relacional.

As reflexões em torno de suas características centrais permitiram vislumbrar as potencialidades da noção de *habitus* para a compreensão dos saberes práticos empregados pelos jornalistas em sua prática profissional e a pertinência do conceito de paradigma jornalístico para a investigação do modo como esses saberes, modelos interpretativos e categorias perceptivas manifestam-se sobre a produção discursiva da comunidade jornalística, em uma perspectiva sócio-histórica.

Estudar o jornalismo a partir de abordagens teóricas provenientes de outras ciências e amplamente utilizadas em múltiplas áreas do conhecimento, tal como a teoria dos campos sociais, constitui desafio teórico e metodológico. Por conta disso, é necessário atentar-se à necessidade de levar em consideração as especificidades do jornalismo, enquanto instituição social, e do produto de sua prática enquanto forma de conhecimento (Genro Filho, 1989) e obra cultural (Groth, 2011).

## REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004a.
- BOURDIEU, Pierre. **Os usos da Ciência**. São Paulo: Unesp, 2004b.
- BOURDIEU, Pierre. The Political Field, the Social Science Field and the Journalistic Field. In: BENSON, Rodney; NEVEU, Erick (Orgs.). **Bourdieu and journalistic field**. Cambridge: Polity Press, 2005.
- CHAMPAGNE, Patrick. The “double dependency”: the journalistic field between politics and markets. In: BENSON, Rodney; NEVEU, Erick (Orgs.). **Bourdieu and the journalistic field**. Cambridge: Polity Press, 2005.
- CHARRON, Jean; BONVILLE, Jean de. **Natureza e Transformação do Jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2016.
- CHARRON, Jean; BONVILLE, Jean de. De la théorie au terrain: modèle explicatif de l'évolution du journal télévisé au Québec. *Études de communication publique*. Québec, n. 18, 2005. Disponível em: <https://www.flsh.ulaval.ca/sites/flsh.ulaval.ca/files/flsh/communication/professeurs/charron-2005.pdf>. Acesso em: 7 set. 2021.
- CUPANI, Alberto Oscar. **Filosofia da ciência**. Florianópolis: Filosofia Ead UFSC, 2009.
- GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. Porto Alegre: Tche, 1989.
- GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido**: fundamentos da Ciência dos Jornais. Petrópolis: Vozes, 2011.

KUHN, Thomas S. **A estrutura das revoluções científicas**. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2011.

PETERS, Gabriel. De volta à Argélia: a encruzilhada etnossociológica de Bourdieu. **Tempo social**. São Paulo, v. 29, n. 1, 2017, p. 275-303. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/104448>. Acesso em 8 set. 2021.

SCHUDSON, Michael. Autonomy from what? In: BENSON, Rodney; NEVEU, Erick (Orgs.). **Bourdieu and the journalistic field**. Cambridge: Polity Press, 2005.

SCHULTZ, Ida. The journalistic gut feeling: journalistic doxa, news habitus and orthodox news values. **Journalism Practice**, v. 1, n. 2, 2007, p. 190-207.

TUCHMAN, Gaye. A objetividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (org). **Jornalismo: questões, teorias e estórias**. Lisboa: Veja, 1993.

TUCHMAN, Gaye. **Making news: a study in the construction of reality**. New York: The Free Press, 1978.

WACQUANT, Loïc. Esclarecer o habitus. **Educação e linguagem**. São Bernardo do Campo, n. 16, jul./dez., 2007, p. 63-71. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/EL/article/view/126>. Acesso em: 8 set. 2021.

WACQUANT, Loïc. Seguindo Pierre Bourdieu no campo. **Revista Sociologia e Política**. Curitiba, n. 26, jun. 2016, p. 13-29. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsocp/a/m7FYxJqkqGWG3WF6L-ZWpbr/?lang=pt#>. Acesso em: 7 set. 2021.

**Submissão:** 17/04/2025

**ACEITE:** 14/05/2025